



Teatro Art'Imagem

des uma. niza ção

a partir
da obra de
**Valter
Hugo
Mão**

Dramaturgia **Zé Pedro**
Encenação **José Leitão**
Interpretação **Daniela Pêgo**
Música **André Barros**



2020



Temporada de Estreia

10 – 13 nov | 2020 Quinta da Caverneira/Águas Santas – Maia

18 nov | 2020 Teatro de la Estación – Saragoça/ES

21 nov | 2020 La Nave Duende – Casar de Cáceres/ES

4 dez | 2020 Casa de Teatro de Sintra

3 fev | 2021 Teatro Municipal de Bragança

Texto Valter Hugo Mãe **Dramaturgia** Zé Pedro
Direcção e Encenação José Leitão **Assistência
de Encenação e Interpretação** Daniela Pêgo
Direcção Musical* André Barros **Figurino**
Cláudia Ribeiro **Assistente de Figurinos**
Joana Araújo **Costureira** Marlene Rodrigues
Desenho de Luz e Sonoplastia André Rabaça
Espaço Cénico José Leitão e José Lopes
Produção Sofia Leal **Apoio Fundo Teatral/
C.M.Maia** Micaela Barbosa **Ilustração do
Cartaz** Rita Castro **Design Gráfico** Tiago Dias
Fotografia Nuno Ribeiro **Vídeo Promocional**
André Rabaça **Tradução para Legendagem
em Castelhana** Jimmy Nuñez **Agradecimento
especial ao** Pé de Vento/João Luíz

***Composição, arranjos, programações e mistura** André
Barros **com a participação especial da violinista** Veronika
Taraban **Violinos** Veronika Taraban & Tamila Kharambura
Em "Finale": Violino Sandra Escovar **Viola** Cátia Alexandra
Santos **Violoncelo** Joana Correia **Captação de sons da
natureza na Islândia** Hafðís Bjarnadóttir (álbum Sounds
of Iceland) **Estúdio de gravação e masterização** Atlântico
Blue Studios **Técnico de masterização** André Tavares

RELATÓRIO MAIORITÁRIO, DA PANDEMIA AO PANDEMÔNIO...

Na data aprazado, 10 de Novembro de 2020, para a estreia desta nossa 115ª criação teatral, "Desumanização", faz precisamente 8 meses que, neste Auditório da Quinta da Caverneira, fazíamos a "première" do "Desastre Nu" de António Aragão. Paradoxalmente fechavam ao público as salas de espectáculos devido ao Covid 19, era decretado o primeiro estado de emergência e o resto da temporada foi anulada. Durante mais de três meses nem os artistas nem o público se encontraram ao vivo, não houve teatro em Portugal.

Foi um tempo estranho, suspenso,.....
..... de que não sei,
nem quero ainda falar...

O ano de 2020 começava e, como sempre, tínhamos programado um ambicioso programa para ser cumprido e superado, como de costume. Nos primeiros dias de Janeiro, iniciam-se os ensaios da primeira peça que iríamos estreitar, o tal "Desastre Nu" e as aulas de Dramaturgia das Oficinas de Teatro da Maia. A 10 levamos as "Noites Brancas" de Dostoiévski ao ao Sá de Miranda de Viana e a 24 estávamos também no Lethes de Faro. Os primeiros acolhimentos acontecem em 11, recebendo o Teatro do Noroeste com "Rotweiler" na Caverneira e a 30 no Fórum, o Teatromosca/Musgo apresentava "Quarenta Mil Quilómetros". Pelo meio foi a vez de a 18, no Teatro António Assunção em Almada, apresentarmos o "O Fascismo (aqui) Nunca Existiu".

No primeiro dia de Fevereiro no Cine-Teatro Garrett da Póvoa de Varzim estávamos com o "Maclet de Shakespeare" e partíamos para Espanha, onde actuamos a 13 em Sevilha e 15 em Santos de Maimona/Badajoz. Entretanto no Auditório da Quinta, entre 7 e 9 voltamos a apresentar a nossa peça "BemMarMeQuer", de Mia Couto para o público em geral e uma escola. O Teatrinho ao Palco estava a começar. Como programadores vamos ao FETEN, uma das maiores mostras internacionais de teatro para a infância de Espanha, em Gijón/Astúrias. No Porto, de 8 a 23 fazemos a produção e direcção técnica da V edição do "Bonfim em Cena" com a participação de 6 grupos. Inauguramos uma Exposição de Fotografia "Telúrico", da autoria de João Pádua inserida no nosso projecto "IP2" e fazemos a sessão de Teatro Falado lendo em comunidade "Falar Verdade a Mentir" de Almeida Garrett, uma peça que a companhia levou a palco. Ainda antes de acabar o mês recebemos no Fórum da Maia uma co-produção luso italiana da Companhia de Teatro de Braga e da Cª Akroama, da Sardenha com a peça "A Criatura" de Ibsen. Entretanto a epidemia avançava e os desfiles de Carnaval não se realizavam, as escolas fechavam...

E chega Março e os últimos dias de ensaio da nossa primeira criação do ano... A estreia e o cancelamento da temporada. Confinamento, teletrabalho...anulações, adiamentos, reagendamentos e mais cancelamentos
.....
Findo o confinamento obrigatório e a 18 de Maio, primeiro dia permitido

por lei, reabrimos a Exposição de Fotografia "Telúrico" e a equipa mediava teletrabalho com actividades presenciais, procurando salvar a actividade perdida. Em Junho recebemos pela primeira vez o público em sessões ao ar livre com Cinema, um programa de curtas metragens "estreladas" por actores da companhia, o Teatro Falado, lembrou Eduardo Galeano e a peça que apresentamos sobre a sua obra "As Veias Abertas da Humanidade - Memória de Amor e Guerra". Em Julho relembramos em vídeo "O Sonho de Uma Noite da Caverneira" de 2019, cuja edição deste ano teve de ser cancelada, acolhemos um espectáculo de dança do Estúdio B, "The Landy of Plenty" e conseguimos ainda de 4 a 12, organizar a 39ª edição do Fazer a Festa - Festival de Teatro para a Infância e Juventude, que tinha sido adiada, com a presença de várias companhias portuguesas e uma espanhola, que esgotaram todos os lugares disponíveis. Em 30 de Julho recebemos no Fórum a companhia espanhola Karlik Danza Teatro que apresentou "El Licenciado Vidriera", de Cervantes, o primeiro espectáculo em sala depois do confinamento. O mês de Agosto foi de conciliação de férias e de trabalho de "secretaria", relatórios, contactos, telefonemas, reuniões, vídeo-conferências e reagendar o que era possível. Em Setembro começamos os ensaios de palco desta "Desumanização" e a reformulação da nossa peça "Armazenados", de David Desola para que fosse possível apresentá-la nas condições de segurança definidas pela DG de Saúde e o corrupção começou logo. A 25 já

estávamos no Festival de Teatro da Covilhã actuando. Entretanto desde 15 abrimos online as Oficinas de Teatro com 2 sessões semanais até ao final deste ano, uma de Dramaturgia e outra de Montagem Cénica. Em 24 recomeçam as sessões de Teatro Falado com a leitura conjunta do livro "Os Filhos dos Padres nos Campos de Deus", de Carlos Paiva. Chega Outubro e de 2 a 11 em colaboração com a C.M. da Maia organizamos a 25ª edição do Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia com a presença de 19 companhias portuguesas e estrangeiras que apresentaram 30 espectáculos a que o público acorreu em bom número, esgotando algumas sessões. Acolhemos a seguir na Caverneira o Teatrosfera e as suas "Apeadas". A peça os "Armazenados" vai ao Teatro António Silva no Cacém e no dia 29 rumo a Madrid, em condições epidémicas gravosas para participarmos no II Encontro Iberoamericano de Teatro em Madrid/Festival Circular e já em Novembro ao Auditório Municipal de Vigo.

E, chegados aqui, a partir de 10 de Novembro, eis "Desumanização" a partir de Valter Hugo Mãe, que partirá a seguir para Espanha, Saragoça a 18 e Casar de Cáceres a 21...voltando a itinerância em 2021.

Entretanto, voltamos ao princípio, o surto pandémico voltou a alastrar e Portugal está de novo em estado de emergência.

O Teatro quer continuar.

José Leitão
Director Artístico do Teatro
Art'Imagem
7/11/20



O MUNDO MOSTRAVA A BELEZA MAS SÓ SABIA PRODUZIR O HORROR

Notas avulsas sobre a encenação de "Desumanização"

Ao entrar na sala os espectadores deparam-se com um palco aberto e na penumbra, vislumbam na esquerda alta, uma sepultura de terra rasa, encimada por uma tosca cruz de madeira e ao lado, um pequeno regador. Em todo o fundo e acompanhando a lateral direita, um cenário de montanhas nevadas e glaciares, composto de plásticos armados no interior por arames. Junto ao proscénio, há folhas brancas de papel A4 espalhadas pelo solo e uma cadeira de baloiço. A cor predominante é o branco, gelo e frio que contrasta com o negro chão do linóleo. Depois de um bom silêncio e de uma neblina se adensar pelo palco, uma música faz-se ouvir e uma mulher adulta de cerca de 35 anos entra em cena, ganha luz, e toma o centro do palco. Caminha, e sem falar nunca, conta-nos e interpreta cor-poral e fisicamente, em gestos e acções, umas vezes ritmadas outras abruptas, cabeça, rosto, olhos, braços e pernas, fragmentos da sua vida e história que viveu e que nos narrará em palavras a parte do romance de Valter Hugo Mãe que foi escolhida pela versão dramaturgica, com a sua e o eco das vozes outras das personagens principais, sua irmã morta, seu pai e sua mãe, que "estarão" em palco, através da sua representação.

"Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte", são as primeiras palavras ditas e ouvidas nesta peça e que nos chegam através

da actriz Daniela Pêgo, a de Halldora, a personagem-narradora e intérprete "sola" desta história de romance transformada em teatro, num primeiro "diálogo" ao vivo ou em voz off, num efeito sonoro que ressoa como um eco, a voz que lhe ficou de sua irmã gémea e muito amada Sigridur, falecida precocemente quando tinham ambas 10 anos de idade e aprendiam a sonhar, trabalhando já e vivendo duramente numa remota aldeia islandesa ao redor de uma imponente natureza de montanhas de pedra e neves, entre fiordes e braços estreitos de mar congelado a maior parte do ano, olhando por entre águas e céus peçados de névoa e fumo, baleias e barcos que demandavam outras terras, mais verdes e quentes, que conheciam dos livros que liam e dos poemas que seu pai lhes ensinava, e aonde planeavam chegar o mais depressa possível, talvez chamadas por príncipes e belos rapazes, como contavam as sagas e livros antigos, e, a quem enviavam por mar, mensagens de amor através de pequenas garrafas que esperavam chegassem bem longe dali.

A mãe de Halla, era uma mulher sofrida, "combalida e sempre enferma", culpando-a pelo desaparecimento da irmã, adverte-a que a partir de então tem "duas almas para salvar ao céu" e que a falecida, sua irmã espelho, só voltará a nascer, "a germinar", através de si, não lhe perdoando qualquer falha se ela o não conseguisse fazer...

"A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exactamente em ti"

Tal como o romance fui à Islândia, uma metáfora aqui de todo o mundo,

buscar referências para esta peça, um olhar estrangeiro de um país que não conheço, ao contrário do autor que por lá andou, conheceu as suas gentes, fez amigos, leu os seus livros, ouviu a sua música, viu cinema, pesquisou, viveu em islandês, e diz que a sua obra é um cântico de amor ao país. Procurei muito e não sabendo ainda quase nada sobre esta ilha, fiquei a saber um bocadinho. Na encenação procurei impregná-la de "motivos" islandeses, Kjarval na pintura, o sino de Halldór Laxness, a cenografia, a música de André Barros que, da equipa é o outro que viveu e trabalhou naquele país, convocou outros músicos islandeses para a sua composição musical, mas também outros escandinavos das terras que conheci e das minhas referências, Munch, Ibsen e Fosse, Bergman e Max Von Sydow mais Strindberg e ainda Hans Christian Andersen, acrescentando outros mundos, do búlgaro Christo ao americano Poe e...tudo.

"Só existe a beleza se existir interlocutor"

Um palco de um teatro e uma peça em acção são uma representação do mundo e da humanidade que o povoa, um espaço de arte para equacionar a vida das pessoas, um diálogo e confronto entre artistas e espectadores, uma partilha única de histórias com gente dentro que entre a realidade e o desejo, nos convocam a uma espécie de jogo da cabra cega, ora escondendo-nos ora nos descobrindo, onde se fala do que a vida foi, é ou como gostaríamos que ela fosse...

Antes eram as palavras, palavras que um autor escreveu num livro, para ser lido por um leitor, só. As palavras

que foram escritas e lidas passaram a ser ditas em voz alta por actores, com corpo e voz, a ter um som e um tom e ouvidas por outras pessoas, os espectadores, num mesmo lugar e ao mesmo tempo numa sala, têm um rosto, corpo e roupas, luzes e sombras, utilizam adereços, movimentam-se num espaço cénico com mais ou menos cenografia, há música no ar. A sua origem veio da literatura, agora são teatro, um espectáculo...

No teatro que eu gosto de fazer o actor umas vezes encarna, possui e ainda assim descarna a personagem, ora interpreta, desempenha, actua, joga e representa. Conta, narra, diz, silencia, estaca, corre, salta, ri e chora, gesticula sim e não. Às vezes é emotivo outras racional ou neutro. O "meu" actor é sempre para ser visto e ouvido pelo público...

Aos que trabalham pela primeira vez com o Teatro Art 'Imagem, André Barros na música, obrigado. Aos que comigo se estrearam num primeiro trabalho, Zé Pedro na dramaturgia, Cláudia Ribeiro nos figurinos e Rita Castro pela lustração do cartaz, obrigado. Aos que há muito ou pouco tempo se repetem, Daniela Pêgo, a actriz e assistente de encenação, André Rabaça na luz e ao mestre José Lopes, que constrói ideias, ao Nuno Ribeiro, da fotografia, Sofia Leal, a produtora ideal, Tiago Dias, pelo design, a todos muito e muito obrigado. Sem esquecer Pedro Carvalho, Flávio Hamilton e Fátima Carvalho que não estando nesta estão em todas. Obrigado também Micaela Barbosa e Samuel Pascoal.

José Leitão
Encenador

Sobre o Espectáculo

Desumanização é uma versão cénica do romance *A Desumanização*, do consagrado escritor português Valter Hugo Mãe, prémio literário José Saramago, numa dramaturgia de Zé Pedro, com direcção e encenação de José Leitão, fundador e director da companhia. Esta é uma história de perda, luto e superação que nos faz questionar acerca dos limites (ou sua transgressão) da humanidade. Numa pequena aldeia abafada pela monumentalidade dos fiordes islandeses, Halldora surge em cena a partir da boca de Deus para nos contar como foi lidar com a morte de Sigridur, sua irmã gémea. Como preencher a metade que se perdeu? Como viver pelas duas? Como ocupar o outro lado do espelho? Halldora diz-nos que “O mundo mostrava a beleza, mas só sabia produzir o horror”. “Desumanização” é Gelo, Terra e Fogo; é o “corpo interior da Islândia”. Esta obra é, segundo o autor, um autêntico cântico de amor à Islândia. A encenação, tal como a obra, vai à Islândia, como metáfora de “TODO O MUNDO”, buscar referências para a sua ficção teatral, num olhar “estrangeiro” sobre um país e suas gentes e numa visão artística que confronta os vários olhares de que é feita a vida, entre o real e imaginário.



Sobre a Dramaturgia

“Terrível ou belo, o poema pensa em nós como palavras ensanguentadas”

Valter Hugo Mãe é um mestre no domínio da língua portuguesa. Criando narrativas de uma complexidade aterradora através duma aparente simplicidade linguística, consegue levar-nos para um imaginário muito próprio, repleto de nuances sensoriais. Na sua obra *A Desumanização*, conseguimos entrar na atribulada consciência de Halldora, uma criança islandesa que se encontra a debater com a fresca morte de sua irmã gémea e com o peso que terá que carregar para preencher o vazio causado pela ausência da metade daquele todo que eram as duas. Através de imagéticas ultrassensíveis, o autor eleva a sua escrita à tremenda vastidão dos fiordes islandeses, deixando-nos entrar na “imaginação, entre o encantado e o terrível, cheia de brilhos e susto”.

Na adaptação dramática da obra, deu-se primazia à exploração da psique da protagonista, lugar onde vivem várias vozes que constroem o seu discurso. Aqui, Halldora é já uma mulher adulta, contando-nos a sua história em fragmentos. A sua voz é constantemente interpelada pelas vozes de sua irmã, seu pai, sua

mãe e sua consciência. A estrutura da ação, deste modo, adquire um carácter esquizofrénico, não só pelo modo como existem várias vozes a sair da mesma boca, como também pela estrutura não-linear da narrativa, que se inicia in media res e sofre constantes elipses, analepses e prolepses. A protagonista e singular interveniente do texto é utilizada como o encapsulamento da existência de uma aldeia remota dos fiordes islandeses. É ela quem vai absorver toda a realidade vivida por si e por quem na rodeia antes, durante e depois da morte de sua irmã, e, num frenesim emocional, expulsará tudo aquilo que guardava. Assim se eleva a sensação de perda à sua maior dimensão.

Tentando manter-se o mais fiel possível à obra de Valter Hugo Mãe, a adaptação apenas fez ligeiras alterações às palavras do autor, mas fez grandes cortes na narrativa para se focar maioritariamente na primeira metade da obra. Optou-se pela construção de uma ação que dá especial enfoque ao núcleo familiar da casa de Halldora, explorando o evoluir das suas relações com seu pai e sua mãe no *post mortem* de Sigridur. Alguns dos cortes feitos na dramaturgia, no entanto, surgem durante a peça através da encenação, que, ao longo da mesma, irá servir-nos vislumbres daquilo que não foi dito, até porque, como nos diz a protagonista: “As palavras não são nada. Deviam ser eliminadas.”

Zé Pedro
Dramaturgo

(com citações da obra
A Desumanização de VHM)

Sobre o Autor

Valter Hugo Mãe nasceu em Saurimo (outrora chamada Henrique de Carvalho), Angola, a 25 de setembro de 1971. Licenciou-se em Direito e é pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. A sua obra está traduzida em diversas línguas, tendo uma grande apreciação em países como o Brasil, a Alemanha, a Espanha, a França ou a Croácia. Publicou os romances: o nosso reino, em 2004; o remorso de baltazar serapião, em 2006 (Prémio José Saramago em 2007); o apocalipse dos trabalhadores, em 2008; a máquina de fazer espanhóis, em 2010 (Grande Prémio Portugal Telecom, categoria melhor livro do ano, em 2012); O Filho de Mil Homens, em 2011; A Desumanização, em 2013; Homens Imprudentemente Poéticos, em 2016 e Contra Mim em 2020. Escreveu alguns livros para todas as idades, entre os quais: O paraíso são os outros, em 2014; Contos de cães e maus lobos, em 2015; As mais belas coisas do mundo, em 2019, e Serei sempre o teu abrigo, em 2020. A sua poesia encontra-se reunida no volume publicação da mortalidade, de 2019. Para além da escrita, apresenta trabalhos enquanto artista plástico e cantor, tendo inaugurado a sua primeira exposição individual de desenho em 2007 e se estreado como vocalista do grupo Governo em 2008.



Valter Hugo Mãe e o Teatro

Para além de romancista, VHM, ofereceu-nos já um leque significativo de dramaturgias.

Assim, em cumplicidade com estruturas teatrais, Mãe, escreveu algumas peças e outras surgiram a partir de sua obra:

2007 - «Os filhos do esfolador», adaptação de «O Cego de Landim» de Camilo C. Branco, com o Jangada Teatro;

2010 - «Cratera, as crianças com segredos», com o Teatro Bruto;

2011 - «A Morte dos Tolos», com o Jangada Teatro;

2012 - «Canil», com o Teatro Bruto

2013 - «Comida», com o Teatro Bruto

2014 - «O Amor dos Infelizes», criação de Ana Luena a partir de «O Filho de Mil Homens», com o Teatro Bruto

2014 - «O Fascismo dos bons homens», adaptação de Pompeu José a partir de «A máquina de fazer espanhóis» com Trigo Limpo Teatro Acert

2016 - «Querido Monstro», adaptação do conto de Valter Hugo Mãe com Festival Internacional de Marionetas do Porto e Serviço de Emergências 2016 do Teatro de Ferro.

Ainda em 2017 Valter Hugo Mãe, foi performer em «Intimidade», no Rivoli Teatro Municipal do Porto. A sua obra circula pelos meios teatrais, assim como musicais, em 2011 Fernanda Lapa leu «Oito poemas de Valter Hugo Mãe» no programa «Música Contemporânea do Sul ao Norte» no Teatro da Vilarinha, assim como os Osso

Vaidoso – Projeto Musical musicou as palavras do autor.

Ainda no Brasil, em 2019, a obra «Desumanização» foi adaptada para o palco, com direção de José Roberto Jardim, no SESC Santana, São Paulo e em 2018, a peça «Homem Mãe», com direção de Fernando Kike Barbosa, no Teatro Bruni Kiefer, no estado de Minas Gerais.

Diz-nos Christine Zurbach, num artigo escrito no âmbito académico sobre VHM: «O repertório teatral da autoria de Valter Hugo Mãe resulta de dois modos distintos de exercício da escrita dramática. Surgiu na sua carreira literária, quer no formato de um trabalho de adaptação, como processo de transmissão constituído pela reescrita de um texto anterior de outro autor, quer de criação de obras originais. Mas ambos os caminhos seguidos revelam uma idêntica vontade e gosto por “contar histórias”, criando narrativas e fábulas teatrais em formatos inovadores, que, distanciando-o através de vários processos dramatúrgicos, ficcionalizam o real no qual vivemos mais ou menos desatentos, para no-lo devolver, mais inteligível e mais presente, mais real e, por isso, (ainda) mais inquietante.»*.

*in Carlos Nogueira (org.), Nenhuma palavra é exata. Estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe, Porto Editora, 2016, p.477-491

Micaela Barbosa
Investigadora e responsável
pelo Fundo Teatral
Art'Imagem/C.M.Maia

NOTAS DE ENSAIO

E “deus” era o Frio: algumas impressões sobre Desumanização

O luto (...) é como uma janela que simplesmente se abre por conta própria. O quarto torna-se frio, e não podemos fazer nada a não ser tremer.

Arthur Golden

Faz frio, muito frio nesta Islândia cénica. Se à morte se lhe pode conferir um habitat natural, esse será nestas orografias gélidas e inóspitas. Trata-se de uma entidade “biologicamente” hiperbórea, cuja semente germina e subsiste na algidez dos epílogos. Ainda que dizer “Islândia” seja o mesmo que dizer “deus”, a morte permanece apática à profundidade dos significados; ela é apenas frio. E é por isso que, aqui, dizer “deus” também é dizer “frio”, pois não tardamos a sentir-lhe o peso da onnipresença: adivinhámo-lo nas palavras enlutadas; no restolhar ventoso; na melopeia que invoca o Além; na luz de tonalidades gélidas; na alvura glacial da paisagem; no calafrio de uma pequena sepultura solitária e encardida; e, sobretudo, num vazio cáustico que abala a emotividade transposta por uma atriz. Estas múltiplas metamorfoses dramatúrgicas do frio são uma afirmação do seu poder “totalitário”: ele espolia, obsidia e espreita. Ele é o frio que tudo vê, o frio que em tudo está; o frio que é o pábulo da morte

desafeiçoada; o frio que Halldora está disposta a aquecer com a memória cálida de Sigridur, sua irmã gémea falecida, num grito interior que clama por uma ressurreição tergiversadora.

No romance *A Desumanização* de Valter Hugo Mãe, a decifração do termo “desumanização” espalha-se por diversas cargas simbólicas. Por exemplo, para o próprio autor “o que está em causa aqui é uma espécie de percepção frustrante da necessidade de reduzirmos os índices de sensibilidade para conseguirmos seguir sendo gente. É como se, para continuarmos a ser humanos, precisássemos de ser menos humanos”, disse o mesmo numa entrevista dada à RTP 2, no magazine *Agora*, em 2013. Isto é o mesmo que dizer que, na hora da perda, o ser humano só parece conseguir seguir em frente quando esfria certas emotividades. A dramaturgia de Zé Pedro, intitulada *Desumanização* (termo mais abrangente), percebe precisamente isso e, como tal, salienta o epíteto poético de “frio” contido no título do romance.

Ao focalizar o luto de Halldora, esta dramaturgia denuncia a morte como o maior agente desumanizador; ou seja, ela é o único fenómeno capaz de apagar literalmente as características humanas, sem nunca mais as devolver. A verbalização das memórias que Halldora cultivou com a irmã impõe-se, assim, como única solução para preservar a humanidade de Sigridur, que os bichos da terra devoraram. E aqui, para fazer sentido da espoliação praticada por tal agente irrefragável, entra o discurso lírico da protagonista, cuja eficácia

parece assentar nessa constante necessidade humana de se buscar e pintar a beleza em tudo, até mesmo no que é funesto ou putrefacto. E se a prática do embelezamento é uma particularidade definidora dos seres humanos, é como se o “não-belo” produzisse um efeito desumanizador na sua harmonia sensorial, sendo a poeticidade o antidepressivo verdadeiramente capaz de injetar cor na vivência plúmbea.

Desumanização desdobra-se, igualmente, numa dupla “desolação” – há o coração desolado de Halldora e o vilarejo islandês desolado em que esta habita, essa redoma que confrange uma criança de onze anos no seu processo de luto. Se a vila e a Islândia já eram frias, tornam-se ainda mais frias para Halldora, não só com a ausência de Sigridur, mas também com as constantes posturas evasivas que os pais das duas irmãs adquirem na sua fuga da dor enlutada. Enquanto a mãe se corta em devaneios, o pai refugia-se da dureza da realidade concebendo-a poeticamente. Halldora é a única que não se abstém de remexer na ferida, no vazio, tentando preenchê-lo com um sentido minimamente consolador; um sentido que lhe devolva a presença da irmã, mesmo que na forma de um espectro fantasmagórico.

Por tudo isto, Halldora encontra-se praticamente sozinha na sua demanda. Igual a ela, também se encontra a atriz, que, para representar Halldora, também necessita de experienciar a solidão do palco, procurando preencher os vazios do espaço cénico com a

tensão das palavras e dos gestos iconográficos, numa tentativa constante de “materializar” a presença invisível de Sigridur, e sempre num conflito de reflexões impulsionadas por adversários invisíveis e silentes: a morte e o desconhecido. Desumanização é, fundamentalmente, um texto sobre uma impotência perseverante e, por isso mesmo, exige que a sua corporatura cénica floresça a partir do espaço de liberdade dado ao sentimento, e não tanto ao cérebro. É de tal modo denso e complexamente existencialista que requer do seu intérprete uma “concentração emocional”, nas palavras do teatrólogo russo Constantin Stanislavski.

Samuel Pascoal
Ator e Tradutor

Humanidade em suspenso...

Passados quase dez anos, o Teatro Art’Imagem, volta ao monólogo, ao contar uma história individual que espelha um sentimento coletivo, uma história intemporal, onde o eterno retorno leva ao espectador a um diálogo e a uma cumplicidade com a grande História da Humanidade.

Em tempos verdadeiramente crus, que estão para além de qualquer valor de humanidade, em que se esperava uma humanização como antídoto, a memória curta do ser humano traiu-o e impôs-se o quadro individualista, capitalista, egoísta, acusador e moralista que mata qualquer valor que devia ter brotado, e, que nos faz cair numa desumanização total.

Esta desumanização de Valter Hugo Mãe é um grito abafado, que é lido naquilo que de mais frio e egoísta, mais cego e insensível, consegue ser a sociedade, não nos permitindo a sensibilidade, o sonho e o alento. É a humanidade esvaziada.

Durante uma hora, somos transportados para um glacial ambiente do gelo e dos fiordes islandeses, contrastando com o fortemente emotivo espaço da terra de morte, a campa escura, iluminada por cera quente, que poderia fazer derreter o ambiente gélido, mas que em nada se contaminam.

A música de André Barros e os movimentos da atriz, traduzem uma atmosfera de tempo suspenso, de espaço esvaziado, de ausência de vida, e em alguns momentos levam-nos para um universo oriental (VHM escreveu parte da obra na sua estadia no Japão). Temos, também do universo oriental, ao longo do espetáculo, uma constante alusão aos Bonsais (a sua “pequenitude” fruto de constantes mutilações nas suas extremidades) num paralelo com esta pequena menina que sofre os mesmos golpes vindos de sua mãe e da sociedade, Halldora (“Nos meus sonhos imaginava jardins de crianças. As árvores baixas dos corpos, falando, brincando com os braços e os pássaros pousando entre as folhas.”), seja através da constante repressão aos seus sonhos e esperanças, seja através do peso que carrega de duas almas num corpo só.

O espelho, elemento da cenografia, que nos mostra a mais morta e a menos morta, tem uma grande eficácia cénica, deixa refletir a vida, ao lado dos ‘mortos de pé’ que são os fiordes, de um Deus chamado Islândia.

A encenação de José Leitão revela um regresso a alguns elementos da direção de atores e símbolos a que nos habituou (os quatro elementos primordiais – terra, ar, água e fogo – em contracena com a humanizada narração, cortada por momentos mais teatrais de enunciação cénica – a personagem em ação), é ainda um desafio para duas estreias: o primeiro monólogo da atriz Daniela Pêgo, num trabalho bastante solitário e duro, e a primeira aventura no trabalho dramatúrgico de Zé Pedro. Daí ser este espetáculo um trabalho desafiador.

Mas são tempos desafiadores estes, e o Art’Imagem procura, no palco, convocar um mundo que ainda não foi perdido, uma humanidade que ainda é encontrada.

“A Humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. (...) Qualquer rasto que deixemos no eremitério é uma conversa com os homens que, cinco minutos, ou cinco mil anos depois, nos descubram a presença.”

Micaela Barbosa
Investigadora e responsável pelo
Fundo Teatral Art’Imagem/C.M.Maia

(com citações da obra
A Desumanização de VHM)







NOTAS BIOGRAFICAS

José Leitão

Encenador

Fundador do Teatro Art'Imagem e Fazer a Festa - Festival Internacional de Teatro e Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia. Encenador, Actor e Dramaturgista. Encenou/Adaptou textos de Shakespeare, Régio, Eça, Camilo, Homero, Sophia, Cervantes, Ruzante, António Pedro, Gil Vicente, António José da Silva, Sena, Júlio Verne, Darwich, Tolstoi, Luísa Neto Jorge, Luísa Costa Gomes, Tchalé Figueira, Pedro Eiras, Eduardo Galeano, Jorge Loureiro Figueira, José Viale Moutinho entre outros. Como actor participou em todas as peças da companhia até 2001, bem como em outros grupos. Publicou os livros "O Teatro do Nosso Contentamento", sobre as 10 edições do FITCM, "Não Matem o Mandarim - Que Relíquia", adaptações de Eça e "Os dias Felizes do teatro" sobre a 20ª edição do FITCM. Foi/ é colaborador regular da Revista Galega de Teatro e de outras revistas e jornais. Tem participado em Festivais, Feiras como programador e em colóquios na Europa, América, Ásia e África. Actor de cinema e séries televisivas. Formador teatral em associações em Portugal e França, jovens em Bona, escolas em Bristol, em centros culturais no Brasil. Em Portugal, em escolas, com jovens em risco e idosos. Dirigiu Oficinas de Teatro em vários pontos do País, no Mindelact, Cabo Verde, na FERIA Teatro de Castilla/ Leon, Espanha, na Bélgica, Inglaterra. É/ foi membro da APTA, CPTIJ, UNIMA-P, APED, ATINJ, e outras associações teatrais, tendo exercido cargos de direcção. Formador do IEPF na área de Animação Cultural e Social e professor de Teatro e Expressão Dramática. Frequentou vários cursos e estágios de Teatro no país e no estrangeiro, com as companhias Living Theatre, Word and

Action, Fool Time, Pierre Richy, Jean Luc Galmische, Tanxarina Títeres, Walfare State, Centro Dramático de Sartrouville, entre outros. Em Portugal na Fundação Calouste Gulbenkian, Goethe Institute, TNSJ, entre outros. Frequentou nos anos 90 o 1º e 2º ano do Curso Sup. Teatro da Arvore.

Zé Pedro

Dramaturgo

José Pedro Santos Leitão Pereira nasceu a 19/01/1994, no Porto, e é formado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Terminou, em 2015, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e, dois anos mais tarde, adquiriu o grau de Mestre em Estudos Anglo-Americanos (Literatura e Cultura) com uma tese sobre Three Novels de Samuel Beckett. Foi um dos fundadores do grupo JRAAS (Junior Researchers in Anglo-American Studies), afiliado ao centro de investigação CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies); bolseiro da ALB (Associação Luso-Britânica) e participou em vários colóquios encontros e programas internacionais. Desde 2015 que colabora com Teatro Art'Imagem, tendo começado em regime part-time nos primeiros anos e passado a full-time em outubro de 2019, trabalhando como dramaturgo e dando assistência à produção, programação e ao Fundo Teatral Art'Imagem/C.M.Maia.

Daniela Pêgo

Atriz

Actriz formada em interpretação pela Academia Contemporânea do Espectáculo. Fez formação com Kuniaki Ida, Aluysio Filho, Sandra Mladenovitch, António Capelo, Joana Providência, João Paulo Costa, Jorge Loureiro Figueira. Encenada por Sérgio Praia, Nuno Pino Custódio, Júnior Sampaio e José Leitão.

Formadora do Pé no Charco – Teatro Oficina, Escola Dramática e Musical de Milheirós da Maia, Academia Arte in Motion e Oficina Teatrinho ao Palco do Teatro Art'Imagem. Encena em 2018 o espectáculo Comunitário “Sonho de uma Noite na Caverneira” e em 2020 “Desastre Nu” de António Aragão. Colabora com o Teatro Art'Imagem desde 2010 como actriz e formadora e produtora executiva de Festivais como Fazer a Festa- Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia e de toda a actividade da companhia.

André Rabaça
Director Técnico

Técnico de teatro desde 2001, integra a equipa do Teatro Art'Imagem desde 2017. Fez desenhos de luz para peças de teatro encenadas por Antonino Solmer, Daniela Pêgo, Graça P. Corrêa, Joana Craveiro, João Garcia Miguel, João de Mello Alvim, José Leitão, Nuno Correia Pinto, Paula Pedregal e Pedro Penin, a partir de textos de A. Strindberg, Alfred Jarry, Anton Tchekov, António Aragão, Cesário Verde, Dario Fo, F. Dürrenmatt, Federico G. Lorca, Gil Vicente, Hans Christian Andersen, Henrik Ibsen, Jean Cocteau, Jean Genet, José Leitão, José Sanchis Sinisterra, Karl Valentin, Maeterlinck, Maquiavel, Nuno Bragança, Pirandello, Raúl Brandão e Tennessee Williams. Desempenhou a operação técnica de espectáculos de vários outros encenadores e coreógrafos onde se destacam Jorge Listopad, Carlos Pimenta, Carlos J. Pessoa, Gisela Cañamero, José Abreu Fonseca, Pedro Alves, João Fiadeiro, Vera Mantero, Carlota Lagido, Tiago Guedes e Francisco Camacho. De 2006 a 2016 foi director técnico do “Chão de Oliva – Centro de Difusão Cultural em Sintra” coordenando as montagens das peças de teatro produzidas, dos grupos acolhidos e dos festivais organizados

com destaque para o “Dança para 4 Estações – Festival Internacional de Dança Contemporânea”, “Festival Internacional de Marionetas de Sintra” e o “Periferias – Festival Internacional de Artes Performativas”. Entre 2007 e 2013, dirigiu a montagem dos cenários criados por António Casimiro para peças da Companhia de Teatro de Sintra. Em 2014 projectou a infraestrutura técnica para o auditório da Casa do Artista na cidade da Beira, Moçambique. Em 2020 fez assistência de encenação na peça “Desastre Nu”, 114. Criação do Teatro Art'Imagem, encenada por Daniela Pêgo.

André Barros
Músico

Aos 36 anos de idade, André Barros é um compositor com uma forte identidade e uma invulgar capacidade de trabalho. O músico autodidacta concluiu, em 2012, o curso de Produção e Criação Musical na ETIC que lhe deu as ferramentas para produzir o seu trabalho. Nesse Verão, a ETIC permitiu-lhe rumar à Islândia para trabalhar no estúdio dos Sigur Rós (DaVinci). “Circustances” (2013) foi o seu primeiro disco e mereceu elogios da imprensa especializada. Seguiram-se mais quatro. A sua música para a curta “Our Father”, com o actor Michael Gross, está no início do enamoramento pelo cinema, vencendo nos Los Angeles Independent Film Festival Awards. Em Nova Iorque, vence nos Independent Music Awards com “Leda” (2019). Colabora com realizadores de vários países e com marcas globais como a LG, Renault, Stihl ou Volvo.

José Lopes
Cenógrafo

No Art'Imagem desde 1999. Mestre carpinteiro, cenógrafo e maquinista. Tem trabalhado com o Teatro Plástico, Panmixia, Burbur, Visões Úteis, entre outros.

Cláudia Ribeiro
Figurinista

Formada no curso profissional de Cenografia e Figurinos, na Academia Contemporânea do Espetáculo. Ganha uma bolsa da Fundação António de Almeida e segue para Londres, frequentando o curso superior de Figurinos e adereços em Wimbledon School of Art. Foi coordenadora do guarda-roupa do Teatro Nacional S. João, no Porto durante 12 anos. Com uma programação intensa e diversificada, com diversas personalidades nacionais e internacionais intervenientes nas produções ou acolhimentos, desenvolve o conhecimento em diversas técnicas de execução de figurinos, desde a modelação à confeção das mais diversas peças de guarda-roupa. Como freelancer, desenvolve um trabalho como criativa e coordenadora técnica em diversas estruturas culturais, locais e nacionais. Dos mais diversos autores, às mais diversas artes performativas, sempre na área de figurinos e adereços, trabalhou com as mais diversas personalidades da área do teatro, música, ópera, ballet, televisão e cinema, João Paulo Costa, Luís Blat, João Grosso, Jorge Pinto, Hélder Costa, António Durães, Joaquim Nicolau, Rui Sérgio Barroca Mateus, Norma Silvestre, João Paulo Seara Cardoso, Isabel Barros, Paulo Castro, José Carlos Garcia, Rui Melo, Magna Ferreira, José Rui Martins, João Mota, Rafael Barreto, entre outros. Na área da coordenação técnica trabalha com as mais diversas personalidades das artes plásticas Cénicas, tendo como mestres António Lagarto, Vin Burhman, Júlio Vanzeler e Nuno Carinhas. Um dos seus trabalhos mais conhecidos foi apresentado pela Banda “Deolinda”, onde reformulou toda a imagem dos músicos no lançamento e tourné do segundo álbum “Dois Selos e um Carimbo. Seleccionada em 2012, como figurinista,

para a criação e coordenação técnica dos figurinos do espectáculo musical encenado por António Durães, veste toda uma comunidade interveniente como actores/cantores, assim como diversos criadores, como Amélia Muge, Zé Mário Branco, Adolfo Lúxuria Canibal, Carlos Nobre. Lecciona desde 1996 na licenciatura de cenografia e figurinos na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo em diversas disciplinas ligadas à criação e execução de adereços de figurinos e cena. Desenvolve workshops com comunidades diversas, dentro das artes performativas.

Sofia Leal
Produção

Licenciada em Gestão do Património pela Escola Superior de Educação/ Instituto Politécnico do Porto, onde obteve uma bolsa de investigação no âmbito do projeto The Route, sobre Rotas do Património Cultural. Frequentou a Licenciatura de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, adquiriu formação nas áreas da Animação Social, Teatro, Gestão e Produção de Projectos Culturais, Gestão de Marketing e Financiamento de Organizações Culturais. Foi Produtora executiva do ENTRETanto Teatro, e em várias produções independentes na área da música e Teatro. É formadora na ACE- Academia Contemporânea do Espetáculo, no INAC – Instituto Nacional de Artes do Circo e no Teatro Art'Imagem. É membro da Direcção do CENA – Sindicato dos Músicos, dos Profissionais do Espetáculo e do Audiovisual. Desde 2012 assume a Direcção de Produção do Teatro Art'Imagem.



Espectáculos Disponíveis para itinerância

Desastre Nu

Texto António Aragão

114ª Criação / 2020

Direcção Daniela Pêgo



Noites Brancas

Texto de Fiódor Dostoiévski

113ª Criação / 2019

Direcção Pedro Carvalho



Maclet de Shakespeare, peça coral

111ª Criação do Teatro

Art'Imagem / Teatro Morcego
- Laboratório Oficina / 2019

Baseado em Shakespeare

Direcção José Abreu Fonseca



Os Anos que Abalaram o (Nosso) Mundo!

110ª Criação / 2019

Direcção José Leitão



Armazenados

Texto de David Desola

109ª Criação / 2018

Direcção Flávio Hamilton



Maclet de Shakespeare, monólogo - 1º andamento

108 Criação / 2018

Baseado em Shakespeare

Direção José Abreu Fonseca



O Fascismo (Aqui) Nunca Existiu!

107ª Criação/2017

Direcção José Leitão



Teatro Art'Imagem

Quinta da Caverneira
Auditório Pastor Joaquim
Eduardo Machado
Águas Santas
4425-253 - Maia

222 084 014 | 917 691 753
910 818 719

teatroartimagem@hotmail.com

ESTRUTURA FINANCIADA



GOVERNO DE
PORTUGAL

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

APOIO



maiahoje

para a região de grande Lisboa

jornaldamaia

PROTOCOLO

M1111



REDE



PERFORM.ART